

FOI BOGDÁNOV A RESPOSTA RUSSA PARA GRAMSCI? ¹

Zenovia A. Sochor²

RESUMO: As particularidades epistemológicas e táticas que distinguem o marxismo ortodoxo soviético das diversas vertentes do marxismo ocidental foram objetos de inúmeros debates, tanto entre acadêmicos quanto no interior de movimentos políticos e sociais. No contrapelo dessa tendência que privilegia as diferenças, Zenovia Sochor apresenta nesse artigo possíveis pontos de contato entre tais tradições, através das obras de dois de seus principais expoentes: Antonio Gramsci, um dos mais importantes pensadores do marxismo ocidental; e Aleksandr Bogdánov, importante líder da fração bolchevique nos anos primeiros do POSDR. Utilizando-se das posições de Lenin como referencial comparativo, Sochor apresenta as ideias de Bogdánov e Gramsci acerca das condições necessárias para a revolução a partir de três aspectos do problema: (1) o papel dos intelectuais; (2) as organizações propostas para o trabalho cultural-educacional; e em um nível mais amplo, (3) a relação entre mudança cultural e transição para o socialismo.

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Gramsci; Aleksandr Bogdánov; Marxismo Ocidental; Marxismo Soviético; Intelectuais.

ABSTRACT: The epistemological and tactical particularities that distinguish Soviet orthodox Marxism from the various strands of Western Marxism have been the subject of countless debates, both among academics and within political and social movements. In contrast to this tendency that privileges differences, Zenovia Sochor presents in this article possible points of contact between such traditions, through the works of two of its main exponents: Antonio Gramsci, one of the most important thinkers of Western Marxism; and Aleksandr Bogdánov, an important leader of the Bolshevik faction in the early years of the RSDLP. Using Lenin's positions as a comparative reference, Sochor presents the ideas of Bogdánov and Gramsci about the necessary conditions for revolution from three aspects of the problem: (1) the role of intellectuals; (2) the organizations proposed for cultural-educational work; and at a broader level, (3) the relationship between cultural change and the transition to socialism.

KEYWORDS: Antonio Gramsci; Aleksandr Bogdánov; Western Marxism; Soviet Marxism; Intellectuals.

Durante a última década Gramsci foi aclamado mundialmente enquanto Bogdánov permaneceu uma figura obscura. Não obstante, esses dois teóricos perceberam problemas

¹ Tradução de Pedro Ramos de Toledo, do original *Studies in Soviet Thought*, Vol. 22, No. 1 (Feb., 1981), pp. 59-81. Devido à dificuldade em identificar exatamente quais edições dos “Cadernos do Cárcere” foram utilizadas pela autora, o tradutor optou por cotejar as citações da referida obra com a edição Brasileira publicada pela Editora Civilização Brasileira e organizada por Carlos Nelson Coutinho, razão pela qual é essa edição que serve de referência bibliográfica para este trabalho. Todas as outras obras foram mantidas nas línguas e edições referenciadas na publicação original. (N.T)

² Autora de *Revolution and Culture: The Bogdanov-Lenin Controversy* (Studies in Soviet History and Society). Cornell University Press, Ithaca (New York), 1988.

similares no processo de transformação revolucionária e ofereceram soluções comparáveis. Ambos eram conscientes de que era possível tomar o poder sem iniciar a transição para o socialismo; ambos prescreviam a transformação cultural como dimensão necessária da transformação revolucionária. Ambos divergiam consideravelmente da abordagem leninista.

Este artigo explorará algumas das mais impactantes similaridades entre as ideias de Bogdánov e Gramsci, contrastando-as com as ideias de Lenin. Tal estudo comparativo serve tanto para chamar a atenção ao pensamento de Bogdánov quanto para desafiar o senso comum de que há uma ampla disparidade entre o bolchevismo e o Marxismo Ocidental. Uma comparação entre as visões de Bogdánov e Gramsci atesta para a diversidade do bolchevismo primevo e refuta a noção de que um interesse nos “fatores subjetivos” era exclusivo do Marxismo Ocidental.³ Quaisquer que sejam as razões para o desenrolar histórico do leninismo - e eventualmente do stalinismo – essas não podem ser atribuídas à carência de alternativas ou ideias “ocidentais”. Bogdánov forneceu a perspectiva gramsciana dentro do contexto russo.

As posições de Lenin são, é claro, bem conhecidas. No entanto, elas serão empregadas aqui como um ponto de referência para ressaltar o que há de original nos pensamentos de Bogdánov e Gramsci (WOLFE, 1964: cap. 29; BALLESTREM, 1969: 283-310; SOCHOR, 1977; DAVIDSON, 1974: 125-150; FERRAROTI, 1979: 101-123). Deve-se notar desde o início que, em diversas questões importantes, Lenin, Bogdánov e Gramsci convergiam em suas posições. Todos os três rejeitavam uma posição marxista determinística, exemplificada pela compreensão um tanto incorreta de Gramsci de que a revolução bolchevique era uma revolução contra “O Capital” de Karl Marx (GRAMSCI, 1977 [1917]: 34). Em fato, Bogdánov e Gramsci preferiam considerar o marxismo com uma expressão de “leis tendenciais” ao invés de leis inevitáveis de desenvolvimento (BOGDÁNOV, 1920:10; GRAMSCI, 1977: 401, 412). Em geral, Lenin era mais ortodoxo em sua aceitação básica da filosofia marxista, enquanto Bogdánov e Gramsci olhavam para outros pensadores políticos com o objetivo de suplementar o pensamento marxista (GRILLE, 1966; DAVIDSON, 1977). Bogdánov chegou ao ponto de adotar uma perspectiva empiriocriticista e positivista, o que era enfaticamente rejeitado por Lenin e Gramsci (KOLAKOWSKI, 1978: 432-445; VUCINICH, 1976: 206-230; JENSEN, 1978; LENIN, 1927; GRAMSCI, 1999 [1932]: 114-168).

Em termos de política, todos os três apoiavam a noção de partido como o “agente consciente” no processo revolucionário. Todos os três aceitavam a necessidade de disciplina

³ Dois livros que desenham um forte contraste entre o Marxismo Ortodoxo (em grande parte identificado com o marxismo soviético) e o Marxismo europeu são ANDERSON, 1976 e HOWARD & KLARE, 1972.

estrita da força de trabalho, seja exercida pela liderança no partido ou pelo taylorismo no sistema industrial. Bogdánov e Gramsci, no entanto, expressavam maior preocupação pela disparidade entre as implicações autoritárias da luta política e os objetivos de longo prazo das “relações de camaradagem” e do coletivismo. Bogdánov e Gramsci eram também politicamente mais radicais e intransigentes em suas posições acerca da tática parlamentar. Gramsci, por exemplo, foi acusado de ser uma versão italiana do “Otzovismo”, a política de boicote associada aos bolcheviques de esquerda e a Bogdánov.⁴ Falando de forma geral, Gramsci estava mais próximo de uma posição bogdanovista durante seu período *Ordine Nuovo*, quando enfatizou o trabalho cultural-educacional. Seguindo o colapso do levante de Turim em 1920, Gramsci aproximou-se mais da posição leninista a partir de uma nova interpretação da ênfase de Lenin no partido e na insurreição armada.

É evidente que, cronologicamente, Bogdánov precedeu Gramsci e é inteiramente possível, ainda que difícil de provar, que Gramsci tivesse familiaridade com suas ideias (RIECHERS, 1970: Cap. 5; JOCTEAU, 1975:147-151). As duas escolas do Partido⁵ organizadas por Bogdánov em 1909 e 1911 estavam localizadas em Capri e Bolonha; portanto algo do trabalho de Bogdánov era provavelmente conhecido nos círculos socialistas italianos. Talvez não fosse totalmente coincidental que, durante o Congresso da Juventude Socialista realizado em Bolonha, Tasca, antigo mentor de Gramsci, destacou-se como um defensor entusiasmado de um programa de cultura e educação para a classe trabalhadora. Paralelo as atividades do *Proletkul't* na Rússia Soviética, Gramsci, Togliatti e Tasca fundaram um jornal, o *Ordine Nuovo*, em 1919, como uma resenha semanal de cultura socialista. Gramsci, referindo-se a esse período, lembrou que: “o único sentimento que nos unia em nossas reuniões... se baseava em um vago entusiasmo por uma vaga cultura proletária” (GRAMSCI, 1977 [1919]: 50). Um ponto de contato específico ocorreu em 1920, quando uma delegação italiana atendeu a um encontro em Moscou, imediatamente depois do 2º Congresso do Comitern, para estabelecer um bureau internacional do *Proletkul't*.⁶ Finalmente Gramsci

⁴ Essa é a descrição de Bordiga sobre a posição de Gramsci. Um artigo anônimo publicado na “*Communist Politics*”, editada por Karl Korsch, repete o rótulo 'otzonovist' (supostamente uma combinação de 'otzovismo' and *Ordine Nuovo*). Ver RIECHERS, 1970: 143.

⁵ Em agosto de 1909, após romper com o Comitê Central da facção bolchevique, Bogdánov fundou na ilha de Capri, ao lado de Lunacharskii, Gorkii e Prokrovskii, a Escola Superior de Agitação e Propaganda do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR). Em 1911, a escola foi realocada para Bolonha, onde operou somente por um semestre. (N.T.)

⁶ Bombacci representou a delegação italiana no encontro internacional do *Proletkul't*. Ver: 'Brat'jam proletarjam vsej stran', *Proletarskaja kul'tura*, Nos. 17-19 (agosto-dezembro 1920), pp. 1-5. Ver também HUMBERT-DROZ, 1969: 367-8.

viveu em Moscou entre maio de 1922 e dezembro de 1923, e foi sem dúvida exposto a algumas das correntes e debates no interior do partido bolchevique.⁷

Se Gramsci de fato leu ou aprovou quaisquer das obras de Bogdánov é discutível. Não é a ancestralidade das ideias que é diretamente relevante para esse trabalho, mas seus desenvolvimentos paralelos. Dado que uma discussão da amplitude das ideias expostas por Gramsci e Bogdánov supera os limites de um artigo, iremos comparar suas ideias em relação com um problema central do marxismo: a transformação do proletariado. Este é um problema que agitou os três teóricos aqui considerados. Essa problemática emergiu de uma série de questões deixadas sem respostas por Marx. Uma vez que a consciência se encontra no centro do pensamento marxiano, como precisamente poderia o proletariado adquiri-la? Seria esse um processo espontâneo? Poderia o proletariado necessitar de auxílio?

Duas imagens radicalmente diferentes do proletariado ocorrem em um cenário marxista: o proletariado física e mentalmente debilitado do período pré-revolucionário versus o criador consciente da nova ordem socialista no período pós-revolucionário. Claramente, entre as duas imagens, há um hiato. Marx via o preenchimento dessa lacuna como um processo espontâneo, um subproduto das transformações na base econômica da sociedade, reforçada e cristalizada pela luta revolucionária⁸. Essa vaga formulação levou a alguns analistas concluírem que Marx “*deliberadamente contornou a questão da prática revolucionária que transformaria um mero fragmento de homem em um indivíduo totalmente desenvolvido*” (SWEETZ & BETTELHEIM, 1971: 114). Outro comentador vê um “salto de fé” na afirmação de Marx de que o proletariado seria bem-sucedido na construção da ordem socialista, uma vez que “*Marx em nenhum momento buscou provar que o trabalhador é, de fato, qualificado para o papel que lhe foi designado*” (HUNT, 1963: 66).

Marxistas que sucederam a Marx não podiam evitar de confrontar o problema da transformação do proletariado. Neste artigo examinaremos como Lenin, Bogdánov e Gramsci perceberam esse dilema e como propuseram superar o abismo que separava o proletariado existente daquele projetado. Em particular nos dirigiremos a três aspectos do problema: (1) o papel dos intelectuais; (2) as organizações propostas para o trabalho cultural-educacional; e em um nível mais amplo, (3) a relação entre mudança cultural e transição para o socialismo.

1. O papel dos intelectuais

⁷ Para referências sobre a estadia de Gramsci em Moscou ver DAVIDSON, 1977, *passim*.

⁸ Para uma elaboração ver TUCKER, 1969.

Ao avaliar as condições da classe trabalhadora russa Lenin era mais que reticente acerca da transformação espontânea do proletariado. Nem a “escola do capitalismo”, tampouco a luta revolucionária produziria um proletariado suficientemente alterado. Lenin lamentava que, deixado aos seus próprios esforços, o proletariado desenvolvia tão somente “uma consciência sindical” (LENIN, 1929: 32-33). A espontaneidade prevalecia sobre a consciência e introduzia nela argumentos míopes como “*um kopek adicionado ao rublo vale mais que socialismo e política*” (LENIN, 1929: 38).

Lenin ofereceu uma solução que, se não resolvia, ao menos contornava o problema. Uma vez que a consciência de classe dos trabalhadores não emerge por si mesma, o proletariado deveria procurar auxílio em “*revolucionários profissionais*”. Esses seriam a vanguarda da classe trabalhadora, composta pelos elementos mais conscientes entre os trabalhadores e por intelectuais burgueses simpáticos. Eles deveriam assumir a liderança do proletariado e guiar o “despertar espontâneo das massas”. Acima de tudo eles garantiriam que os trabalhadores não se desviassem de seu verdadeiro objetivo, que era não o reparo por uma injustiça particular, mas a derrocada de todo o sistema⁹ (LENIN, 1928: *passim*).

Bogdánov e Gramsci aceitaram prontamente a premissa de que tão somente a espontaneidade não transformava o proletariado e nem resultava necessariamente em uma transformação na direção desejada. Eles, no entanto, recusavam a solução um tanto artificial de Lenin, que sobrepunha intelectuais burgueses sobre o movimento dos trabalhadores.

Gramsci não tinha problemas em confiar em intelectuais como tais. “*Autoconsciência crítica significa, histórica e politicamente, a criação de uma elite de intelectuais*”. De forma ainda mais enfática, ele afirmou que “*não há organização sem intelectuais*” (GRAMSCI, 1999: 104). A principal diferença, a partir do ponto de vista de Gramsci, era de que os intelectuais deveriam se originar no interior da classe trabalhadora; eles deveriam ser “*intelectuais orgânicos*” (GRAMSCI, 2001: 16; JOLL, 1977: Cap. 9). Gramsci tinha esperanças de que intelectuais, expressamente nutridos a partir das fileiras da classe trabalhadora, poderiam exercer um inovador papel de liderança, mas ao mesmo tempo permaneceriam em contato com as massas, “*para se tornar, por assim dizer, o suporte do espartilho*” (GRAMSCI, 1999: 110).

⁹Ainda que Marx não tenha falado de ‘revolucionários profissionais’, ele subscreveu a ideia de ‘auxílio externo’ ao proletariado. “Fracções inteiras da classe dominante encontram-se alinhadas com o proletariado devido às condições materiais transformadas. Elas também contribuem com o proletariado através de “novos elementos de esclarecimento e progresso”. (MARX & ENGELS, 1955 [1848]: 20)

Em linhas similares, Bogdánov questionou os efeitos de longo prazo em depender de forças externas à classe trabalhadora: não iria isso reforçar a passividade do proletariado? Enquanto Bogdánov admitia que intelectuais burgueses rendiam serviços ao proletariado, ele se apressava em acrescentar que intelectuais que genuinamente adotavam o ponto de vista dos trabalhadores eram tão raros quanto “*corvos brancos*”. Mais tipicamente, intelectuais impunham seus próprios hábitos “individualistas” de comportamento e pensamento no interior das organizações da classe trabalhadora, uma vez que igualdade e coletivismo não eram hábitos nativos de sua experiência. Incomodado por esses receios, Bogdánov aconselhou aos trabalhadores a não depositarem sua confiança em outras classes, mas “*verificar tudo e todos a partir de suas próprias ideias, através de sua consciência de classe geral*”. A libertação dos trabalhadores, para ser autêntica deveria ser “*uma tarefa dos próprios trabalhadores*” (BOGDÁNOV, 1910: 4).

Bogdánov e Gramsci, ao contrário de Lenin, estavam bem mais inclinados a auxiliar os trabalhadores do que agir por eles. Possivelmente isso se devia ao envolvimento que tiveram com trabalhadores no nível cotidiano. Diferentemente de Lenin, Bogdánov e Gramsci eram ativos em círculos de trabalhadores, ganhando por isso uma apreciação de suas necessidades concretas e desejos, bem como do alcance de suas habilidades e limitações. Um dos camaradas de Bogdánov comentou que essa experiência o convenceu de que os trabalhadores eram perfeitamente capazes de “*se engajarem de forma independente em trabalho intelectual e ideológico criativo*”, uma visão que “*contradizia fundamentalmente a doutrina de Lenin sobre espontaneidade e consciência*” (KRIVKOV, 1928: 180).¹⁰

O ponto de partida de Gramsci também foi uma avaliação bastante otimista da capacidade dos trabalhadores. Ele acreditava que “*cada homem (...) exerce alguma forma de atividade intelectual, ou seja, ele é um filósofo, um artista, um homem de gostos, ele participa de uma concepção particular do mundo*” (GRAMSCI, 2001: 53). O que Gramsci vislumbrava era alguma forma de interação entre “espontaneidade” e “liderança consciente”, significando com isso que a concepção popular do mundo, a qual os homens desenvolviam espontaneamente, deveria ser educada, dirigida, purificada de contaminações externas “*pelos elementos mais conscientes, pelos intelectuais*” (GRAMSCI, 2007: 335).

¹⁰ . Para uma discussão sobre as diferenças entre as abordagens de Lenin e Bogdánov em relação aos trabalhadores ver WHITE, 1978: 187-206. Outro escritor ressalta que a abordagem de Bogdánov acerca dos trabalhadores desenvolveu-se a partir de suas convicções filosóficas. “*A concepção bogdanoviana de verdade como um consenso coletivo significava na prática uma abertura maior aos humores e opiniões das fileiras da facção bolchevique a qual, por sua vez, esperava-se dela representar a consciência coletiva do proletariado industrial*” (BAILES, 1966: 117).

É bastante claro que as soluções de Gramsci e Bogdánov para o problema da consciência implicavam um processo longo e demorado de transformação do proletariado. Fosse desenvolver “intelectuais orgânicos” ou elevar a autonomia proletária, um curso de ação educacional era indispensável. A solução de Lenin, por outro lado, sugeria um atalho para a processo de conscientização. A “*substituição da classe pelo partido como força motriz da revolução*” era, de acordo com um estudioso, a “*inovação mais vibrante de Lenin na prática e teoria revolucionária*” (CARR, 1968: 287). Não obstante, argumentou um crítico, tal concepção carregava uma conotação manipuladora e elitista. Consciência veio a denotar qualquer disposição por parte dos trabalhadores em obedecer aos comandos do partido. Nem foram tais implicações negativas eliminadas após a Revolução de Outubro: “*a missão original da vanguarda, elevar a consciência das massas, acabou por ser esquecida frente ao problema mais imediato de manter o partido no poder*” (MEYER, 1957: 55-56).

Foi precisamente essa preocupação que motivou Bogdánov e Gramsci em insistirem por um esforço concentrado em educar e elevar o nível geral dos trabalhadores. Com essa orientação em mente, nós iremos olhar mais de perto os esquemas organizacionais propostos por Bogdánov e Gramsci para catalisar a transformação do proletariado.

2. Organizações Culturais-educacionais

A primeira tentativa de Gramsci em traduzir suas ideias sobre educação proletária em um esforço específico tomou a forma dos “clubes da vida moral”, organizados em 1917. Esses clubes, ainda que breves, tinham o ambicioso objetivo de familiarizar jovens do movimento socialista a uma “*discussão desapaixonada sobre problemas sociais e éticos*” (GRAMSCI, 1921 *apud* DAVIDSON, 1977: 79; GIACHETTI, 1972: 154-155). Particularmente interessante é o fato de que Gramsci sentiu a necessidade de criar uma organização especificamente devotada à atividade cultural e que era ao mesmo tempo separada das organizações engajadas no trabalho político direto. Essas eram, na visão de Gramsci, atividades legítimas, porém distintas. Outra tentativa de implementar um programa de educação política dos trabalhadores se deu em 1919, em Turim, com a fundação da “Escola de Cultura e Propaganda”. Através de uma série de palestras em tópicos históricos e teóricos, Gramsci e seus camaradas esperavam estender o programa revolucionário e educacional do *Ordine Nuovo* e suplementar as habilidades técnicas que vinham sendo adquiridas pelos trabalhadores nas escolas laborais (CLARK, 1977: 72-73). Outro esforço ainda foi feito em 1920, quando Gramsci e Zino Zini tentaram criar ‘Institutos de Cultura Proletária’ diretamente

modelados a partir do *Proletkul't* russo, ainda que pouco se saiba sobre o trabalho e duração dos institutos (GRAMSCI, 1975 [1920]: 342-343 nota 2; RIECHERS, 1970: 142-143 nota 2). É plausível que Gramsci tenha encontrado no movimento *Proletkul't* uma fonte de inspiração ou, ao menos, uma justificativa para o seu próprio programa cultural-educacional. Ele publicou, por exemplo, um artigo de Lunacharskii sobre cultura proletária no *Il Grido*, reivindicando haver grande similaridade entre “*as condições morais e intelectuais dos dois proletariados, o italiano e o russo*” (GRAMSCI, 1921 *apud* CAMMETT, 1967: 241 nota 76). Um pesquisador fez um apontamento interessante ao argumentar que o conhecimento de Gramsci acerca do trabalho de Lenin era extremamente limitado até 1921 e que, até então, para Gramsci, o leninismo estava “*reduzido aos manifestos e slogans da Internacional Comunista ou às políticas culturais de Lunacharskii*” (DAVIDSON, 1977: 164).

A maior contribuição de Gramsci para a ideia de educação proletária, no entanto, repousa nos conselhos de fábrica (ainda que Gramsci também, erroneamente, os tenha baseado em uma instituição russa – os soviets).¹¹ Os conselhos de fábricas formavam o cerne de suas ideias sobre como transformar o proletariado e como acelerar a transição para o socialismo. Ao organizarem-se em comitês no interior das fábricas e envolverem-se nos processos decisórios da produção industrial, os trabalhadores poderiam – previa Gramsci – desenvolver uma “*psicologia comunista*” e tornarem-se cômicos de suas “*capacidades de produzir e exercitar soberania (...) sem a necessidade do capitalista de uma delegação indefinida de poder político*” (GRAMSCI, 1977 [1919]: 91-92). Isso porque os conselhos

(...) dão aos trabalhadores responsabilidade direta pela produção, os provê com um incentivo para melhorar seu trabalho, instilam uma disciplina consciente e voluntária e criam uma mentalidade de produtor – a mentalidade de um criador da história (GRAMSCI, 1977 [1919]: 101).

Sob a perspectiva de Gramsci, não apenas os conselhos de fábrica encorajariam uma mudança na autopercepção dos trabalhadores, como também imitariam o estado proletário ainda que de forma molecular: eles atuariam como unidades de controle operário, estimulariam a solidariedade entre os trabalhadores e os ensinariam habilidades técnicas e de gerenciamento essenciais. Gramsci acreditava que os conselhos de fábrica constituíam a “*primeira indicação concreta da revolução comunista na Itália*” (GRAMSCI, 1977 [1919]: 108).

Não há equivalente institucional aos conselhos de fábrica de Gramsci na obra de Bogdánov, ainda que compartilhassem algumas das ideias subjacentes. Bogdánov também

¹¹ Ver CLARK, 1977: 55. O livro de Clark é o mais exaustivo estudo até o presente momento sobre o movimento dos conselhos de fábrica.

sentia que o socialismo escaparia aos trabalhadores a não ser que ocorresse uma mudança de atitude e nas relações de autoridade, particularmente na fábrica, mas também em outras esferas da vida social. Bogdánov acreditava, no entanto, que a tecnologia avançada viria a transformar as relações de produção, criando condições nas quais seria eliminado o hiato que separa o trabalhador ordinário do engenheiro e daria luz a uma nova consciência. Além disso, Bogdánov acreditava que tais desenvolvimentos lançariam os fundamentos para uma “*nova disciplina de camaradagem*”, ativada pela “*vontade do coletivo*” e governada mais pelas considerações de competência e menos pelas relações de poder (BOGDANOV, 1923: 383).

É importante ressaltar que tanto Bogdánov quanto Gramsci tinham uma esperança enorme na tecnologia, como de fato ocorria com a maioria dos socialistas da época. Com a automação extensiva e o planejamento econômico, Bogdánov previa que o Estado proletário viria a funcionar como um “gigantesco bureau estatístico”, organizando e distribuindo os esforços laborais a partir de princípios científicos.¹² O “pendor tecnológico” de Bogdánov ecoava no “pendor produtivo” de Gramsci, como pode ser visto na designação gramsciana da fábrica como “*a célula de um novo Estado*” e em sua visão da sociedade comunista “*organizada no modelo de uma grande obra de engenharia*” (GRAMSCI, 1977 [1920]: 263)¹³. A despeito da ênfase em um “*novo padrão de vida econômica e técnicas laborais*” (GRAMSCI, 1977 [1919]: 101), Gramsci viu virtude em uma técnica eminentemente capitalista, i.e., Taylorismo (GRAMSCI, 2007b : 239-282). Essa atitude era compartilhada com vários graus de entusiasmo por Lenin e Bogdánov (SOCHOR, 1981 : 247). Todos os três defendiam uma força de trabalho disciplinada, eficiente e industriosa e não se melindravam com o uso do “americanismo” como ferramenta de transformação das classes trabalhadoras atrasadas da Rússia ou Itália.

A proposta de Bogdánov para a transformação cultural, todavia, não parava ali. Ele rejeitava uma suposta semelhança entre cultura proletária e cultura do trabalho¹⁴ ao vislumbrar uma transformação que envolveria toda a esfera do conhecimento e não meramente uma “ética de trabalho” comunista. Não obstante sua fé nas consequências benéficas do desenvolvimento tecnológico, Bogdánov não estava convencido de que a ‘nova consciência’ poderia nascer sem assistência. Ao contrário, ele argumentava que as transformações culturais avançavam a reboque das mudanças tecnológicas (BOGDANOV, 1904: 77-78) e acabavam por impor

¹² A nota encontra-se vazia no texto original (N.T)

¹³ Clark (1977: 69-70) nega a acusação de que o movimento *Ordine Nuovo* era “um movimento produtivista”.

¹⁴ Essa diferenciação foi exposta em grandes detalhes na crítica de Bogdánov a Gastev, um importante proponente do taylorismo na Rússia Soviética durante os anos 20 (BOGDÁNNOV, 1919: 46-52).

obstáculos à completa transformação de uma classe emergente. Essa classe ainda seria guiada por ‘resquícios ideológicos’ do passado, por posturas adequadas à burguesia, mas não para o proletariado. Tais atitudes incluiriam, dentre outras, individualismo, autoritarismo, competitividade e sectarismo – ‘fetiches’ que precisariam serem expurgados para que o proletariado pudesse realmente se emancipar (BOGDANOV, 1920b: 52-72). Por essa razão Bogdánov considerava o conceito existente de revolução socialista indevidamente restritivo, pois se reduzia a uma “*revolução da propriedade, uma mudança de senhores*”, quando, em fato, deveria ser percebida como:

Uma revolução criativa do mundo cultural, onde a educação espontânea e a luta das formas sociais seriam substituídas pela criação consciente – objeto e de uma nova lógica de classe, novos métodos de forças unificadoras, novos métodos de pensamento (BOGDÁNOV, 1918: 100-101).

Em vista desse objetivo, ao lado de Lunacharskii e Gorkii, Bogdánov organizou duas escolas do Partido em Capri e Bolonha durante o período pré-revolucionário. As escolas do Partido consistiam em uma série de cursos-palestras que objetivavam fornecer aos trabalhadores conhecimentos superficiais básicos em diversos campos (economia política, história, literatura) e algum treino em habilidades organizacionais (retórica, redação de discursos, agitação e propaganda) (LIVSHITS, 1924: 33-74; LIVSHITS, 1926: 109-144; SCHERRER, 1978: 258-284). Um esforço mais substancial se seguiu à Revolução de Outubro, quando Bogdánov e Lunacharskii fundaram o *Proletkul't*, uma gigantesca organização composta por 400.000 membros e que detinha seu próprio aparato administrativo, células fabris e uma rede nacional de estúdios. O propósito do *Proletkul't* era revolucionar a esfera cultural de forma complementar às mudanças que ocorriam nas esferas política e econômica. Como um primeiro passo, os estúdios – as mais relevantes unidades do *Proletkul't* – buscaram inaugurar novas formas artísticas, criadas pelos próprios trabalhadores (SOCHOR, 1977: Cap. 7).¹⁵

Mais importantes que os resultados diretos – os romances, peças e posters eram admitidamente fracos – eram os resultados indiretos: a transformação do proletariado. O que contava era o processo criativo específico dos primeiros produtos da cultura proletária. Os métodos de trabalho eram projetados para estimular características desejadas, como o coletivismo no lugar de individualismo; e universalismo em detrimento da superespecialização. Os proponentes do *Proletkul't* acreditavam fervorosamente que a arte

¹⁵. Uma das mais recentes fontes sobre o Proletkul't é V.V. Gorbunov, que fornece em sua introdução uma lista de artigos sobre o tema (GORBUNOV, 1974: 3-14). Ver também FITZPATRICK, 1970: Cap. 5; SLONIM, 1977: Cap. 4; BIGGART, 1981: 134-153.

continha tanto funções estéticas quanto cognitivas e que, ao engajarem-se em atividades artísticas, os trabalhadores começariam a desenvolver iniciativa, originalidade e criatividade. Além disso, eles esperavam que o trabalhador-artista se libertaria da noção elitista de que certos tipos de atividade, epitomizadas pelas artes, eram reservadas aos intelectuais. Nem o local de trabalho e tampouco quaisquer programas educacionais formais atuaram sobre a psique como o *Proletkul't* intencionou fazer ao buscar instilar nos trabalhadores uma nova percepção de si mesmos.¹⁶

Além disso, de acordo com o esquema geral de Bogdánov, a transformação cultural não se limitava ao trabalho realizado nos estúdios do *Proletkul't*. Ele assumia que tal transformação prosseguiria em diversos níveis e incluiria, no mínimo, o trabalho realizado nos numerosos periódicos do *Proletkul't*, na universidade proletária e em outras instituições de ensino. Eventualmente, toda a cultura passada acabaria por ser submetida a uma análise crítica e uma nova cultura proletária emergiria, abarcando a filosofia, as artes e a ciência (BOGDANOV, 1920b; 1918b; 1925). Para aqueles que objetavam seus planos, dizendo serem esses muito ambiciosos e que o proletariado já se encontrava sobrecarregado com trabalhos físicos para lhe ser adicionada a tarefa de criar uma cultura proletária, Bogdánov retrucava com o seguinte comentário:

E se (a cultura proletária) estiver além de suas forças, o proletariado não terá nada com o que contar, exceto a transição de uma forma de escravidão para outra – do jugo dos capitalistas para o jugo dos engenheiros e educados (BOGDANOV, 1918: 104).

Quaisquer que sejam os méritos desse argumento, não é possível dizer que as ideias de Gramsci e Bogdánov foram totalmente colocadas à prova. Os estúdios do *Proletkul't* foram um notável, porém breve, experimento e acabaram desativados por Lenin em 1921, em parte por sua desconfiança de Bogdánov, em parte por considerá-los frívolos em face das necessidades mais imediatas (LENIN, 1971 [1920]: 621-622).¹⁷ De forma similar, os conselhos de fábrica existiram mais como um projeto do que uma realidade, na medida em que o fracasso do levante de Turim convenceu Gramsci da necessidade em se depender de métodos e instituições mais “Leninistas”.

Mesmo se preliminares, consideráveis nuances emergem desses esforços. Através dos conselhos de fábrica, Gramsci esperava desenvolver as habilidades de gerenciamento dos trabalhadores e instilar uma nova “mentalidade de produtor”. Bogdánov, por outro lado,

¹⁶ Os principais desenvolvimentos dessas ideias podem ser encontrados no jornal do *Proletkul't*, *Proletarskaja kul'tura*, 1918-21.

¹⁷ Para uma discussão mais aprofundada ver CLAUDIN-URONDO, 1977.

buscou por algo mais amplo e elusivo através dos estúdios do *Proletkul't* – a criação da cultura proletária, o desenvolvimento das capacidades e interesses multidimensionais dos trabalhadores.

O que havia de comum entre esses esforços era a busca deliberada por novas formas comportamentais e de pensamento desenvolvidas a partir dos trabalhadores. A ênfase se encontrava na autotransformação, com organizações projetadas para auxiliar esse processo. Adicionalmente, Bogdánov e Gramsci ressaltavam um programa cultural-educacional explícito pois percebiam a cultura como uma fonte vital de influência na constituição de um indivíduo e não meramente um fenômeno estético e subsidiário. Para Gramsci, o ponto central da educação não era acumular “conhecimento enciclopédico”, mas atingir consciência e soberania de si. Cultura, Gramsci escreveu, é

(...) organização, disciplina do eu interior, chegar em termos com a própria personalidade; é a obtenção de uma consciência mais evoluída, que auxilia o indivíduo a compreender seu próprio valor histórico, sua própria função na vida, seus direitos e obrigações (GRAMSCI, 1977 [1916]: 11).

A partir de um ponto de vista ligeiramente diferente, mais centrado na sociedade que no indivíduo, Bogdánov reclamava que o ‘lugar e função’ da ideologia no ‘sistema da vida’ era pouco apreciado. Haveria um fio condutor entre ‘a fala, a cognição, a arte, costumes, leis, regras de propriedade e moral’, nominalmente que a cultura tinha uma ‘função organizacional’ e, a não ser que o proletariado desenvolvesse suas próprias ferramentas organizacionais (cultura proletária), ele não conquistaria independência e autocontrole (BOGDANOV, 1918: 54-56, 62-63).

Para apreendermos a significância que Bogdánov e Gramsci atribuíam ao trabalho cultural-educacional, em contraste à relativa indiferença por parte de Lenin, ao menos durante o período pré-revolucionário, é necessário nos voltarmos a uma consideração de suas posições sobre as mudanças culturais em relação ao processo revolucionário em geral.

3. Transformação cultural e a transição para o socialismo

Lenin era irremovível em sua crença de que a tomada de poder era o objetivo mais importante do proletariado; todas as outras considerações eram subordinadas a esse objetivo. Consequentemente, quaisquer energias que fossem gastas na educação e treinamento do proletariado deveriam invariavelmente se vincularem à luta política. Qualquer coisa que distraísse o proletariado desse objetivo central era considerada uma perda de tempo. Lenin se mostrava aborrecido e impaciente quando “pedagogia era confundida com questões de

política e organização”. Inegavelmente os trabalhadores deveriam ser elevados ao nível de intelectuais “no que concerne a atividade partidária”, mas em outros aspectos não era “tão fácil nem tão imperativo”. A tarefa cultural apropriada era “auxiliar cada trabalhador capaz em se tornar um agitador, organizador, propagandista e distribuidor de literatura profissional” (LENIN, 1929: 122-123).

Olhando retrospectivamente para esse período, Trotsky notou a “*tensa concentração de Lenin em seu objetivo*”, sua dedicação total ao “*trabalho concreto, direto e imediato em direção ao objetivo prático de acelerar a erupção da revolução e assegurar sua vitória*”. Lenin não estava interessado em “trabalho literário-revolucionário”, mas em construir, no menor tempo possível, uma base ideológica e organizacional para a revolução (TROTSKY, 1971: 68-69).

Para Lenin, o socialismo procederia em uma série de estágios, com tarefas específicas para cada um deles. Havia um ponto demarcatório claro entre o capitalismo e a transição para o socialismo que consistia na tomada do poder. O período transicional era de fato baseado na conquista do poder. Outros pré-requisitos para o socialismo, tais como o alto nível de desenvolvimento econômico e o amadurecimento da classe trabalhadora deveriam ser alcançados durante o período transicional.

Em contraste, para Bogdánov, bem como para como Gramsci, socialismo não significa uma série de estágios mais um *continuum*. A tomada do poder era um momento político de um longo processo de transformação revolucionária. Portanto, por implicação, a transição para o socialismo teria suas gênesis no interior do capitalismo e a revolução socialista seria a culminação de todas as mudanças que a precederiam. Nas palavras de Bogdánov, “*o desenvolvimento socialista será coroado com a revolução socialista*” (BOGDANOV, 1918: 102-103).

Bogdánov, em particular, protestou que os esforços socialistas seriam minados caso seus objetivos fossem compartimentalizados e alguns acabassem relegados para um futuro distante. Ele viu isso como um problema que se originou na própria análise de Marx: “*De acordo com o velho conceito [dos anos de 1850] ... o socialismo primeiro conquista e depois é implementado; até sua vitória, ele não é uma realidade, não existe, é simplesmente o objetivo último*” (BOGDANOV, 1918: 100-101). Consequentemente Bogdánov advogava que o cultivo consciente dos pré-requisitos socialistas deve preceder a tomada do poder. Como ele apontou, entre o reino da necessidade e o reino da liberdade repousa “*não um salto, mas um caminho difícil*” (BOGDÁNOV, 1918b: 74).

Gramsci apresentou uma objeção similar ao declarar que *“uma consciência lúcida e precisa dos fins não é acompanhada de uma consciência comparativamente lúcida e precisa dos meios que são necessários no momento presente para atingir tais fins”* (GRAMSCI, 1977 [1919]: 77). Tanto ele quanto Bogdánov rejeitavam a tomada de poder como o único ponto focal. Socialismo, para Bogdánov, não era simplesmente sobre “uma massiva expressão de vontade” ou sobre “vencer uma batalha” (BOGDÁNOV, 1918b: 72). Gramsci argumentava que a revolução não era *“um ato taumatúrgico, mas um processo dialético de desenvolvimento histórico”* (GRAMSCI, 1977 [1919]: 92).

Ao minimizarem a tomada de poder como o problema básico da revolução, Bogdánov e Gramsci sugeriam um ponto de convergência potencial com o revisionismo de Bernstein (RIECHERS, 1970: 110). Certamente Bernstein mudou a atenção de um episódio cataclísmico associado à tomada revolucionária do poder para uma série de medidas evolucionárias e não-violentas. Ele acreditava que uma nova sociedade poderia ser estabelecida por decreto, desde que seus elementos fossem introduzidos no capitalismo. Nesse espírito Bernstein declarou que *“aquilo que é geralmente nomeado como objetivo último socialismo não significa nada para mim; o movimento é tudo”* (BERNSTEIN, apud KOLAKOWSKI, 1978: 108).

Como é bem sabido, marxistas ortodoxos lançaram uma bateria de críticas em resposta. Bernstein, argumentavam, subestimava o momento revolucionário e sugeria uma política complacente, em detrimento de preparar os trabalhadores para o conflito inevitável e a tomada do poder. Bogdánov também foi acusado de minimizar ou ignorar a inevitabilidade da luta revolucionária e dos “saltos qualitativos” (VAJNSHTEJN, 1924: 90-96).¹⁸ Também Gramsci não escapou de ser acusado por alguns de seus camaradas por possuir mais uma visão “reformista” e “social-democrática” e menos comunista (CAMMETT, 1967: 182-186; BORDIGA, 1977 [1920]: 223; MANCINI & GALLI, 1968: 325-328),

A semelhança entre Bernstein, por um lado, e Bogdánov e Gramsci, por outro, não deve ser superestimada, ainda que todos os três tenham enfatizado a transformação socialista mais como um processo que se inicia sob o capitalismo e menos como um evento. Em uma análise final, Bernstein advogava uma transformação gradual do capitalismo, enquanto Bogdánov e Gramsci promoviam uma implementação gradual do socialismo. Essa é uma importante diferença de orientação. Para Bogdánov e Gramsci, o aspecto destrutivo da

¹⁸ Uma crítica soviética contemporânea que segue na mesma linha é feita por (SUVOROV, 1961: 27-37).

revolução, a derrubada violenta do Estado burguês, era inevitável; no entanto esse processo deveria ser acompanhado por um aspecto criativo, a construção do Estado proletário.

Bogdánov e Gramsci reconheciam que a conquista do poder não era uma panaceia em si. Sob nenhum aspecto poderia a revolução ser um momento de “*criação direta de uma nova tecnologia e uma nova ideologia; ela deveria se encontrar pronta no interior de uma classe produtivamente desenvolvida*”. Para Bogdánov, se a classe ascendente não se encontrasse totalmente preparada para seu novo papel, a tomada de poder poderia se mostrar um ato retrógrado (BOGDANOV, 1904: 90-91). Gramsci aponta que mesmo a conquista do poder sob a liderança do Partido Comunista não necessariamente garantiria uma nova ordem socialista. De fato, poderia ocorrer o pior cenário possível, com a revolução “*degenerando pateticamente em um novo parlamento de conspiradores, falastrões e irresponsáveis*” (GRAMSCI, 1919: 78).

Precisamente por essa razão, um trabalho construtivo preliminar deveria se iniciar ainda no capitalismo. Esta era a ideia que Bogdánov tinha em mente quando notou que a luta contra o capitalismo não poderia ser equalizada à luta pelo socialismo. A primeira era predominantemente confinada à arena política, enquanto que a última envolvia a “*criação de novos elementos do socialismo no interior do proletariado, em suas relações internas e em suas condições cotidianas de vida*” (BOGDÁNOV, 1911: 68).

Tanto Bogdánov quanto Gramsci se inspiraram no Iluminismo e, especificamente, no trabalho dos *encyclopédistes* franceses no período anterior à revolução francesa. Para Gramsci, o Iluminismo representou uma “*magnífica revolução em si mesmo*”; proveu a Europa com uma “*Internacional espiritual burguesa na forma de uma consciência unificada*” e foi a “*melhor preparação possível para a sangrenta revolta que se seguiu na França*” (GRAMSCI, 1977 [1919]: 12). Bogdánov, não menos entusiástico, prescreveu a transformação cultural como um componente indispensável para a revolução proletária. A Universidade Proletária formaria “*líderes do proletariado*”, que assumiriam os papéis de Diderot e dos *encyclopédistes* ao prepararem uma “*Enciclopédia Proletária*”. Bogdánov entendia que tais líderes examinariam as premissas fundamentais de todas as esferas do conhecimento, revisando-as e as alterando quando apropriado, de forma a garantir sua adequação ao ponto de vista da classe trabalhadora, da mesma forma como, ele assumia, havia feito a classe burguesa (BOGDANOV, 1920: 13).

Também valendo-se de analogias históricas, Gramsci observou que a transformação cultural era um indicativo da revolução e, talvez, um pré-requisito. “*Cada revolução foi*

precedida por um intenso trabalho de crítica, pela difusão da cultura e pelo semear de ideias entre as massas de homens que eram a princípio resistentes” (GRAMSCI, 1977 [1919]: 12). Com isto como ponto de partida, Gramsci tornou-se convencido de que o proletariado deveria assegurar a hegemonia, i.e., “a liderança moral e intelectual” antes da tomada do poder. “*Um grupo social pode e, aliás, deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governamental (esta é uma das condições principais para a própria conquista do poder)*” (GRAMSCI, 2002: 62). De acordo com um comentarista, isso implicava que a classe trabalhadora não poderia esperar exercer um papel na história sem criar sua própria *Weltanschauung*, sem primeiro estabelecer-se como a classe dirigente nos campos político, cultural e ético (CAMMETT, 1967: 205). Para Gramsci o problema básico da revolução não era a insurreição política, mas “*como fazer que uma classe subalterna acredite em si como potencial classe dirigente, bem como tornar isso crível para as outras classes*” (HOBSBAWM, 1974: 42).

Ainda que Gramsci expressamente reconheça seu débito a Lenin ao desenvolver seu conceito de hegemonia, é aparente que Gramsci queria dizer algo bastante distinto da ditadura do proletariado de Lenin. Em vez de uma relação baseada primariamente no poder e na força, hegemonia envolvia uma relação consensual, com o uso mínimo da força. Um comentarista salienta que Gramsci foi “muito além de Lenin ao ver a hegemonia como uma predominância política e cultural do proletariado e de seu partido, objetivando garantir a aderência ‘espontânea’ de outros grupos” (CAMMETT, 1967: 205; HUGHES, 1977: 101).¹⁹ Esta adesão seria obtida através de um processo de persuasão e educação, uma vez que “*toda a relação de hegemonia*”, dizia Gramsci, “*é necessariamente uma relação pedagógica*” (GRAMSCI, 1999: 399).

Ainda que não tão desenvolvido quanto na análise gramsciana, o conceito de hegemonia encontra-se presente no vocabulário de Bogdánov²⁰, como pode ser visto na plataforma política do grupo *Vpered*, do qual Bogdánov foi afiliado. Tal plataforma defendia que “cultura hegemônica geral” era o complemento necessário a “hegemonia política” e que o bolchevismo deveria ser entendido não apenas como um movimento político, mas também como um movimento sociocultural. Ademais a “pré-condição latente” para a vitória bolchevique seria a criação de uma cultura proletária “*dentro da estrutura da sociedade contemporânea*”, uma cultura “*mais forte e mais estruturada que a cultura decadente das*

¹⁹ Analistas soviéticos geralmente encontram uma relação estreita entre a hegemonia de Gramsci e a ditadura do proletariado de Lenin. Ver, por exemplo (TROFIMOV, 1968: 183-190).

²⁰ De acordo com Perry Anderson (1976: 79), Plekhanov e Axelrod foram os primeiros a empregar o termo “hegemonia”, adotado posteriormente por Gramsci.

classes burguesas” (BOGDANOV, N.D.: 5). Bogdánov avisara que o socialismo somente seria possível quando o proletariado fosse capaz de se opor ao “velho mundo cultural” através de sua própria força política, seu próprio planejamento econômico e seu “*novo mundo cultural, com seus novos e mais avançados métodos*” (BOGDANOV, 1918c.: 73).

Para que a hegemonia cultural pudesse ser alcançada antes da tomada do poder, ou ao menos iniciada, ensaios institucionais seriam necessários. Bogdánov e Gramsci esperavam que as organizações dos trabalhadores preenchessem essa demanda e as exortaram a adotar um papel prefigurativo. O partido, para Bogdánov, não era meramente um instrumento para a tomada do poder; ele era também o núcleo da nova sociedade. De acordo com a linha argumentativa de Bogdánov, um partido de vanguarda forte, disciplinado e bem organizado era necessário, mas não era o suficiente. Era necessária também uma “força interna”, laços de solidariedade entre os trabalhadores, criando assim, em uma forma embrionária, as relações de camaradagem da futura sociedade socialista.

Uma organização conscientemente camarada da classe trabalhadora no presente e uma organização socialista de toda a sociedade no futuro – esses são diferentes momentos do mesmo processo, diferentes graus do mesmo fenômeno (BOGDÁNOV, 1911: 68).

Bogdánov não estava satisfeito com a direção que o Partido tomava. Ao contrário, ele detectou nas relações internas do partido um reforço de hábitos de submissão passiva e falta de iniciativa, instilados pelo processo de produção capitalista e sua cultura ancilar. Admitidamente uma certa quantidade de “disciplina autoritária”, de aderência cega aos líderes e de centralização eram resultados inevitáveis da luta de classes. Isso tornava ainda mais necessário, de acordo com Bogdánov, neutralizar a tendência autoritária ao promover áreas de coletivismo e relações de camaradagem uma vez que novas atitudes e relações de autoridade não emergiriam *deus ex machina* após a revolução (BOGDANOV, 1914: 182).

Gramsci também acreditava que deveria haver elementos de continuidade nas associações de trabalhadores antes e depois da revolução e ele era tão cético quanto Bogdánov a respeito da sintonia existente entre o partido e as tarefas que extrapolavam a tomada do poder. Eventualmente ele aceitou o papel mais limitado, porém crítico, do partido na execução da luta política e voltou sua atenção aos conselhos de fábrica como “*modelos do estado proletário. Os conselhos “eram os órgãos mais efetivos tanto para a educação mútua quanto para o desenvolvimento de um novo espírito social”* (GRAMSCI, 1977 [1919]: 100). Sob esse ponto de vista, o partido atuaria dentro dos limites da sociedade burguesa, enquanto os

conselhos de fábrica prefigurariam a estrutura organizacional da sociedade socialista (BOGGS, 1976: Cap. 4).

As reservas quanto ao partido se refletiam de forma similar em relação aos sindicatos. Sem negar a importância da disciplina e organização instiladas pelos sindicatos, Bogdánov e Gramsci argumentavam que os sindicatos eram governados pelas regras da sociedade capitalista. Gramsci insistia que os sindicatos não poderiam se tornar “o instrumento para uma renovação radical da sociedade”. Eles eram, por natureza “competitivos e não comunistas”; eles asseguravam ganhos econômicos e proviam ao proletariado “burocratas especializados”, sem, no entanto, “oferecer uma seleção de indivíduos proletários capazes e merecedores de governar a sociedade” (GRAMSCI, 1977 [1919]: 99-100). Em termos quase idênticos, Bogdánov reclamou que os sindicatos eram permeados por “fetichismos” como a propriedade privada, individualismo, normas legais e morais; eles atuavam com base na competição de mercado e compromisso com a arena política. Os sindicatos americanos e ingleses, por exemplo, entendiam a organização como uma coleção de indivíduos e não como uma coletividade. Eles refletiam a cultura existente ao invés de cultivar novas atitudes e valores. Dessa forma, Bogdánov argumentava, eles não serviam como formas transicionais adequadas para a construção do socialismo (BOGDANOV, 1918c: *passim*).

É interessante lembrar que Lenin tinha uma perspectiva muito mais otimista acerca dos sindicatos após a revolução, chegando a designar-lhes uma função educacional:

Os sindicatos não são organizações estatais, tampouco organizações coercitivas. Eles são organizações educacionais, organizações que recrutam, que treinam; eles são escolas, escolas de administração, escolas de gerenciamento, escolas de comunismo.

Ele insistiu que, durante o período transicional, o proletariado deveria fazer uso dos instrumentos “que o capitalismo nos legou”. No entanto havia uma ambivalência no pensamento de Lenin, uma vez que os sindicatos eram considerados tanto “reservatórios do poder estatal” quando conexões intermediárias entre o partido e as massas (como “correias de transmissão”). A dualidade se resolveu em favor da primeira função e os sindicatos logo se tornaram veículos para a implementação de políticas estatais e reforço disciplinar da força de trabalho (LENIN, 1966 [1920]: 186-187).²¹

As ressalvas de Bogdánov e Gramsci quanto às organizações de trabalhadores existentes fizeram com que ambos concentrassem suas atenções em outros lugares, *Proletkul't*

²¹ Quais funções caberiam aos sindicatos durante o período transicional foi assunto de disputa entre os líderes do partido. Ver DEWAR, 1956.

por um lado; conselhos de fábrica por outro²². É importante ter em mente que Bogdánov e Gramsci fundaram essas organizações para suplementar, e não substituir, as organizações existentes. Em fato, ambos vislumbravam uma tríade organizacional na sociedade socialista e tentaram, com variados graus de sucesso, definir seus papéis distintos (CLARK, 1977: 62-69; CAMMETT, 1967: 83-88). Bogdánov e seus apoiadores eram diretos e claros: o partido deve predominar na esfera política, os sindicatos na esfera econômica e o *Proletkul't* na esfera cultural. Tal esquema teria a vantagem de dispersar tendências autoritárias e garantir autonomia ao *Proletkul't* (LUNACHARSKY, 1963 [1919]: 205).

A “Frente Cultural” era o pressuposto subjacente ao arranjo institucional compartilhado por Bogdánov e Gramsci. Essa era uma área legítima de esforços e atenção, com a mesma importância das frentes política e econômica. Ambos eram convictos de que a transformação cultural era um componente essencial - e subestimado - da transição para o socialismo.

4. Conclusões

Se uma comparação entre Bogdánov e Gramsci não tenha sido aparente até então, isso se deve em parte pelo status proscrito de Bogdánov, que somente agora vem sendo corrigido. Em adição, estudiosos que vinculam o nome de Bogdánov ao positivismo podem se mostrar céticos da validade de tal comparação entre os dois teóricos dado o desdém de Gramsci pelo positivismo. Em face disso, essa diferença filosófica coloca Bogdánov e Gramsci em polos opostos. No entanto a identificação de Bogdánov com o positivismo é exagerada e por tempo demais ocultou suas outras ideias inconoclasticas e originais. Uma vez que nos movemos para além das descrições superficiais, podemos ver que de fato Gramsci e Bogdánov subscreviam um núcleo similar de ideias como esse artigo tentou demonstrar.

Gramsci é particularmente interessante como um ponto de comparação porque se posiciona em algum lugar entre Lenin e Bogdánov, Gramsci permaneceu um “Leninista” em seu ferrenho apoio ao partido e em sua crença na “primazia da política”. A autotransformação do proletariado que Gramsci advogava era inerente à luta política e não apartada dela. Este ponto de vista era indubitavelmente relacionado à posição de Gramsci no partido; sua vida política se embrincava com a vida partidária, em contraste com Bogdánov que fora expulso do partido e, como resultado, se concentrou em atividades não-partidárias.

²² Como resultado, ambos receberam o epíteto de sindicalistas. Ver CLARK, 1977: 69; GORBUNOV, 1974: 170. Sobre a influência do sindicalismo em Bogdánov, ver WILLIAMS, 1980.

Gramsci se torna um “Bogdanovita” na medida em que ele olhou para além da tomada do poder ao discernir os elementos de “uma revolução completa”. Tanto Bogdánov quanto Gramsci encontravam-se insatisfeitos com a definição formal de socialismo, que ressaltava a propriedade pública dos meios de produção e a ditadura do proletariado. Eles buscaram por uma definição mais dinâmica, que penetrasse até a essência do socialismo e pensaram terem encontrado sua resposta no reino cultural, no complexo das relações sociais.

Consequentemente eles dirigiram suas atenções para o cultivo de novas formas de comportamento e pensamento, acreditando serem essas o critério essencial do socialismo. Eles acreditavam que o hiato entre o proletariado existente e a projeção do “novo homem” da ordem socialista não seria superado em um único golpe, no momento da revolução e poderia somente ser transposto por um processo ativamente patrocinado de mudança cultural. Tanto para Bogdánov quanto para Gramsci, portanto, a revolução cultural era o complemento necessário para as revoluções política e econômica.

A comparação entre as visões de Bogdánov e Gramsci também ressalta a natureza essencialmente política do *Proletkul't* e sua filosofia subjacente. Uma das razões pela qual Bogdánov permaneceu desconhecido no mundo do pensamento político é devido ao fato de que, até o momento, o *Proletkul't* foi estudado como um movimento literário, com pouco reconhecimento de sua significância política. Ainda assim Bogdánov foi um dos mais influentes intelectuais do Partido e a importância política de suas ideias não desapareceu simplesmente porque ele se recusou a retornar ao partido depois da revolução de outubro.

Ao mesmo tempo não fica inteiramente claro se Bogdánov e Gramsci olharam de forma similar para os conceitos implícitos no movimento *Proletkul't*. Pode-se defender que Gramsci procurou principalmente difundir a cultura ao invés de transformá-la, elevar o nível intelectual dos trabalhadores e sua consciência. Certamente essa parece ter sido a intenção dos conselhos de fábrica, principal esforço organizacional de Gramsci. Eles deveriam ser “escolas de comunismo, escolas de gerenciamento”, da mesma forma que Lenin uma vez pensou serem os papéis dos sindicatos. De fato, Lenin chamou por uma “revolução cultural” quando percebeu que os trabalhadores eram terrivelmente carentes das habilidades e conhecimentos necessários para construir o socialismo após a tomada do poder. Além do mais, Gramsci, não menos que Lenin, se mobilizou contra uma abstrata ou vaga “cultura proletária”.

E ainda assim Gramsci parecia implicar algo igualmente abstrato quando clamou por uma nova *Weltanschauung*, um novo mundo de cultura e uma nova hegemonia cultural. Se Gramsci foi de alguma forma ambíguo nesse tema, ou ao menos o tenha deixado em aberto, Bogdánov mergulhou nele resolutamente. Ele ressaltou em seus escritos que a revolução

cultural não consistira tão somente na aquisição de habilidades e conhecimentos; ao contrário, a revolução cultural seria uma reavaliação completa da cultura burguesa e um passo-a-passo para a criação de uma nova cultura proletária.

Na medida em que havia nesse assunto uma discrepância entre Bogdánov e Gramsci, essa deve ser considerada dentro do contexto de um partido que estava no poder e de outro que não estava. Ambos prescreviam “novos valores e atitudes”, no entanto Bogdánov era confrontado com a tarefa de defini-los e colocá-los em movimento. Em contraste, Bogdánov e Lenin viviam consistentemente em desacordo acerca da necessidade e viabilidade de um “novo mundo da cultura” e se digladiaram sob esse tópico antes e depois da revolução. A dissolução do *Proletkul’ t* foi de fato menos surpreendente que sua fundação sob o regime de Lenin.

Uma das virtudes da comparação entre Bogdánov e Gramsci se dá pela nova luz que ela lança sobre o debate Lenin-Bogdánov. Uma vez que Gramsci é inserido no retrato, tal controvérsia adquire um significado que foge ao confinamento das disputas internas do Partido Bolchevique. As questões levantadas por Bogdánov – e depois por Gramsci – eram questões que assombraram uma miríade de pensadores marxistas que os sucederam. Em fato, o marxismo europeu envolveu um contínuo debate com o leninismo e um desafio às suas premissas; em muitas formas, era o debate Lenin-Bogdánov em grande escala.

As *critiques* recentes ao Leninismo traem uma forte influência gramsciana a partir da “descoberta” de Gramsci durante a última década. Típica dos enganos da Nova Esquerda a respeito do leninismo é a série seguinte de questões:

Se a revolução pudesse se degenerar na relação entre o partido e as massas em que se constituiu o estalinismo, estaria Lenin realmente correto em enxergar a consciência política acelerada da vanguarda do proletariado base suficiente para levar adiante a transformação revolucionária? Colocado de outra forma, seriam suficientes para o garantir o sucesso da revolução a capitulação da burguesia e a tomada de poder em nome do proletariado? Ou havia algo mais envolvido? (GIACHETTI, 1972: 161).

Claramente Bogdánov, assim como Gramsci, estavam convencidos de que havia algo mais envolvido e, para essa questão, Bogdánov forneceu a mesma resposta na Rússia que Gramsci fez na Itália.

Universidade de Clack.

REFERÊNCIAS:

- ANDERSON, Perry. *Considerations on Western Marxism*, Verso Editions, London, 1976.
- BAILES, Kendall Eugene. *Philosophy and Politics in Russian Social Democracy: Bogdanov, Lunacharsky, and the Crisis of Bolshevism, 1908-1909*. Dissertação de Mestrado, Russian Institute, Columbia University, 1966.
- BALLESTREM, Karl G. "Lenin and Bogdanov", in: *Studies in Soviet Thought*. Nº 9 (1969), 283-310
- BIGGART, John. "Anti-Leninist Bolshevism": the Forward Group of the RSDRP", *Canadian Slavonic Papers / Revue Canadienne des Slavistes*, Vol. 23, No. 2 (Junho de 1981), pp. 134-153.
- BOGDANOV Aleksandr. (Maksimov) , "Sotsializm v nastoiashchem" in: *Vpered, Moscou*, 1911.
- BOGDANOV Aleksandr. *Ko vsem tovarlshcham* (Paris, n.d.)
- BOGDANOV, Aleksandr, *A Short Course of Economic Science*, Labour Publishing Company, Londres, 1923.
- BOGDANOV, Aleksandr, *O proletarskoi kul'ture, 1904-1924*, lzd. Kniga, Moscow, 1925.
- BOGDANOV, Aleksandr. *Iz psikhologii obshchestva*. lzd. Dorovatovskago i A. Charushnikova, São Petersburgo, 1904,
- BOGDANOV, Aleksandr. [Maksimov], "Proletariat v bor'be za sotsializm", in: *Vpered*, No. 1 (July 1910), pp 2 -8.
- BOGDANOV, Aleksandr. "Ideal i put", in: BOGDANOV, Aleksandr. *Voprosy sotsializma, T-vo*. Knigoizd. Pisatelei v Moskve, Moscow, 1918.
- BOGDANOV, Aleksandr. "O tendencijax proletarskoj kul'tury (otvet A. Gastevu)", *Proletarskaja kul'tura*, Nos. 9-10 (Junho-Julho de 1919), pp. 46-52.
- BOGDANOV, Aleksandr. "Programma kul'tury", in *Voprosy socializma*, Knigoizd. Pisatelej, Moscou, 1918c
- BOGDANOV, Aleksandr. *Filosofiya zivogo opyta*, 2nd ed., Gt., Moscow, 1920.
- BOGDANOV, Aleksandr. *Iskusstvo i rabochii klass*, Moscow, Tip. t-va. I.D.Sytina, 1918b
- BOGDANOV, Aleksandr. *Nauka ob obshchestvennom soznanii*. Knigoizd. Pisatelei v Moskve, Moscou, 1914.
- BOGDANOV, Aleksandr., *Elementy proletarskoj kul'tury v razvitii rabocego klassa*, Gt., Moscow, 1920b.
- BOGGS, Carl. *Gramsci's Marxism*, Pluto Press, Londres, 1976.
- BORDIGA, A. "Towards the Establishment of Workers' Councils in Italy", in HOARE, Quintin. *Antonio Gramsci, Selections from Political Writings (1910-20)*, Lawrence & Wishart, London, 1977, pp.223-234

- CAMMETT, John M. *Antonio Gramsci and the Origins of Italian Communism*, Stanford U.P., 1967
- CARR, E.H. “A Historical Turning Point: Marx, Lenin, Stalin”, in PIPES, Richard. (ed.), *Revolutionary Russia*, Harvard U.P., Cambridge, 1968
- CLARK, Martin. *Antonio Gramsci and the Revolution that Failed*, Yale U.P., New Haven, 1977
- CLAUDIN-URONDO, Carmen. *Lenin and the Cultural Revolution*, Humanities Press, Atlantic Highlands, N.J., 1977
- DAVIDSON, Alastair. *Antonio Gramsci: Towards an Intellectual Biography*, Merlin Press, Londres, 1977
- DAVIDSON, Alastair. *Gramsci and Lenin, 1917-22*, Socialist Register (1974), pp. 125-150
- DEWAR, Margaret. *Labour Policy in the U.S.S.R., 1917-1928*, Oxford U.P., Londres, 1956.
- FERRAROTI, Franco. “Legitimacy, Hegemony and Domination: Gramsci With and Versus Lenin”, in DENITCH, Bogdan. (ed.), *Legitimation of Regimes*, Sage Publications, Beverly Hills, Calif., 1979, pp. 101-23.
- FITZPATRICK, Sheila. *The Commissariat of Enlightenment: Soviet Organization of Education and the Arts under Lunacharsky, October 1917-21*, Cambridge U.P., N.Y., 1970.
- GIACHETTI, Romano “Antonio Gramsci: The Subjective Revolution”, in HOWARD and KLARE (eds.), *The Unknown Dimension*, 1972, Ed. Basic Books, N.Y. 1972
- GORBUNOV, V.V. *V.I. Lenin i Proletkul't*, Moscou, 1974.
- GRAMSCI, Antonio *Écrits Politiques*, Vol. 2 (1921-22), ed. por PARIS, Robert, Gallimard, Paris, 1975
- GRAMSCI, Antonio *Selections from Political Writings*, editado por Quentin Hoare, Lawrence and Wishart, Londres., 1977.
- GRAMSCI, Antonio *Selections from the Prison Notebooks of Antonio Gramsci*, editado por Quentin Hoare and Geoffrey Newell Smith, International Publishers, N.Y., 1971.
- GRAMSCI, Antonio. “Socialism and Culture”, in HOARE, Quintin. *Antonio Gramsci, Selections from Political Writings (1910-20)*, Lawrence & Wishart, London, 1977, p. 10-13.
- GRAMSCI, Antonio. “The conquest of the State”, in HOARE, Quintin. *Antonio Gramsci, Selections from Political Writings (1910-20)*, Lawrence & Wishart, London, 1977, p. 73-78.
- GRAMSCI, Antonio. “The Development of Revolution”, in HOARE, Quintin. *Antonio Gramsci, Selections from Political Writings (1910-20)*, Lawrence & Wishart, London, 1977, p. 89-93.
- GRAMSCI, Antonio. “Unions and Councils”, in HOARE, Quintin. *Antonio Gramsci, Selections from Political Writings (1910-20)*, Lawrence & Wishart, London, 1977, p. 98-102.

- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*; Vol. 1. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1999
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*; Vol. 2. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2001
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*; Vol. 3. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2007
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*; Vol. 4. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2007b
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*; Vol. 5. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005
- GRAMSCI, Antonio. "The Revolution against "Capital", in HOARE, Quintin. *Antonio Gramsci, Selections from Political Writings (1910-20)*, Lawrence & Wishart, London, 1977, p. 34.
- GRILLE, Dietrich. *Lenins Rivale*, Verlag Wissenschaft and Politik, Cologne, 1966
- HOBSBAWM, E.J. "The Great Gramsci", in: *New York Review of Books*, 4 de Abril de 1974.
- HOWARD, Dick & KLARE, Karl E. (eds.), *The Unknown Dimension: European Marxism since Lenin*, Basic Books, New York, 1972.
- HUGHES, H. Stuart. *Consciousness and Society*, rev. ed., Vintage Books, N.Y., 1977.
- HUMBERT-DROZ, Jules. *Mon Evolution du Tolstoïsme au Communisme, 1891-1921*, À la Baconnière, Neuchâtel, 1969.
- HUNT, Carew *The Theory and Practice of Communism*, Penguin Books, Harmondsworth, 1963
- JENSEN, K.M. *Beyond Marx and Mach: Alexander Bogdanov's Philosophy of Living Experience*, D. Reidel, Dordrecht, Holland, 1978.
- JOCTEAU, Gian Carlo. *Leggere Gramsci*, Feltrinelli, Milano, 1975
- JOLL, James. *Gramsci*, Fontana/Collins, Glasgow, 1977
- KOLAKOWSKI, Leszek. *Main Currents of Marxism*, Vol. 2, Oxford U.P., London, 1978
- KRIVCOV, St. "Pamjati A.A. Bogdanova", in: *Pod znamenem marksizma*, No. 4 (1928), p. 180-193.
- LENIN, V.I. "The Trade Unions, the Present Situation, and the Mistakes of Comrade Trotsky", 1920, in: *The Lenin Reader*, ed. por Stefan T. Possony, Henry Regnery, Chicago, 1966.
- LENIN, V.I. *Materialism and Empiriocriticism*, Intemational Publishers, N.Y., 1927.
- LENIN, V.I. *Selected Works*, Vol. 1, Intemational Publishers, N.Y., 1971
- LENIN, V.I. *What is to be Done?* International Publishers, N.Y., 1929

- LIVSHITS, S. “Kaprijskaja partijnaja Skola (1909)”, *Proletarskaja revoljucija*, No. 6, 1924.
- LIVSHITS, S. “Partijnaja skola v Bolon'e (1910-11)”, *Proletarskaja revoljucija*, No. 3, 1926.
- LUNACHARSKY, Anatol. “Esho Proletkul'te i sovetskoj kul'turnoi rabote”, *Proletarskaja kul'tura*, Nos. 7-8 (April-May 1919), in: A.V. Lunacharsky, *Sobranie soshinenii*, Xudof. lit., Vol. 7, Moscou, 1963,
- MANCINI, G. Federico & GALLI, Giorgio. “Gramsci's Presence”. In: *Government and Opposition*, Vol. 3, No. 3, 1968, pp. 325-338.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Communist Manifesto*, ed. by Samuel H. Beer, Meredith, N.Y., 1955, p. 20.
- MEYER, Alfred G. *Leninism*, Frederick A. Praeger, N.Y., 1957
- RIECHERS, Christian. “Antonio Gramsci: Marxismus” in *Italien, Europäische Verlagsanstalt*, Frankfurt, 1970
- SCHERRER Jutta, “Les Écoles du Parti de Capri et de Bologne”, *Cahiers du Monde Russe et Soviétique*, Vol. 19, N° 3 (Julho-Setembro 1978), pp. 258-84.
- SLONIM, Marc. *Soviet Russian Literature: Writers and Problems, 1917-1977*, Oxford U.P., Londres, 1977.
- SOCHOR, Zenovia A. “Soviet Taylorism Revisited” in: *Soviet Studies*, Vol. 33, n° 2, (abril de 1981, pp 246-264.
- SOCHOR, Zenovia A. *Modernization and Socialist Transformation: Leninist and Bogdanovite Alternatives of the Cultural Revolution*, tese não publicada, Columbia University, 1977.
- SUVOROV, L.N. *Bor'ba Marksistsko-Leninskoj filosofii v S.S.S.R. protiv burliuznoj ideologii revizionizma v perexodnyj period ot kapitalizma k Socializmu*, Izd. M.G.U., Moscou, 1961
- SWEEZY, Paul M. & BETTELHEIM, Charles. *On the Transition to Socialism*, 2nd ed., Monthly Review Press, N. Y., 1971
- TROFIMOV, V.A. “Leninizm i problemy gegemonü proletariata i ego diktatury v tmdax A. Gramsci”, in: RUMJANCEV, A.M. (ed.), *Problemy rabocego dvilenija*, Mysl', M., 1968
- TROTSKY, Leon. *Lenin: Notes for a Biographer*, Capricorn Books, N.Y., 1971.
- TUCKER, Robert C., *The Marxian Revolutionary Idea*, Norton, N. Y., 1969.
- VAJNSHTEJN, I. “Tektologija i taktika”, *Pod znamenem marksizma*, N°s. 6-7 (junho e Julho, 1924), 90-96.
- VUCINICH, Alexander. *Social Thought in Tsarist Russia*, University of Olicago Press, Chicago, 1976
- WHITE, James D. “From Marx to Bogdanov”, *Coexistence*, n°15, 1978, 187-206.

WILLIAMS, R. C. “Collective Immortality: The Syndicalist Origins of Proletarian Culture, 1905-1910”. *Slavic Review*, 1980, N° 39, Vol. 3, 389–402

WOLFE, Bertram D. *Three Who Made a Revolution*, Dial Press, N.Y., 1964.

RECEBIDO EM 07/03/2022

APROVADO EM 08/08/2022